

O QUE É “REALIDADE”? ENSAIO DE ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO*

por

Raúl Iturra**

Comentava com o meu amigo e antigo discípulo Henrique Gomes de Araújo, o que é que seria a “realidade”, especialmente nesta época, quando ela aparece como virtual, como sem materialidade. Debatíamos na base dum livro que escreveu em 1998 sobre Antropologia Económica. E dizíamos que o dinheiro parecia não ser real: era em cartões, era por meio de computadores. E por ser por meio de computador, não víamos o que fazíamos. Até parecia não haver dinheiro nenhum, mas apenas uma aritmética. E por aí fora, fomos falando nesse dia prévio ao 25 de Abril. Ia passando a tarde e ficou na minha memória o que eu queria dizer.

1. UM CASO E TEORIA

O que primeiro veio à minha cabeça, foi o facto de pensar no rio Mondego, lá na Serra da Estrela. Tem uma nascente cujo jacto de água sai dum tubo tipo torneira, e uma placa que indica ser aí o nascimento do rio Mondego. Rio que passa a ser uma imensa avenida que corre serra abaixo, desde o lugar onde faço trabalho de campo, até à sua desembocadura na Figueira da Foz, ou nos pequenos rios que dele nascem e passam por Alcobça, por Óbidos, por Caldas. Um rio que é guardado numa imensa barragem entre Seia e Guarda, em Caldeirão hoje em dia, para dar força motriz a aldeias que não tinham a elegância da televisão, ou da luz eléctrica, ou cujas indústrias eram movimentadas por petróleo ou por força de trabalho de pessoas que empregavam as mãos para transformar a realidade para a conveniência de fazer o pão com as suas mãos. Rio Mondego que, no passado

* Fixação do português: Manuela Martins e revisto por Henrique Gomes de Araújo. Assistência em Informática: Rui Miguel Martins.

** ISCTE/CEAS – Lisboa.

imediatamente, era a via dos morgados para irem de férias à praia da Figueira, com baús e imensas roupas e com muitas lembranças para reproduzir nesse lugar da praia uma realidade que já tinham no quotidiano das suas casas. Era a época, há bem pouco tempo, de recriar o real material num real de forma virtual. A casa da Serra convertia-se como por encanto do *scanner*, em casa da praia, com os mesmos móveis e as mesmas delicadezas e agrados da casa da Serra.

Em segundo lugar, fiquei a pensar que o Mondego não era apenas água, era para vários, uma magia, como por encanto do *scanner*, uma realidade virtual. Para começar, levava os ricos da terra até à praia enquanto os trabalhadores, de chapéu na mão, ficavam a olhar para os divertimentos das pessoas que saíam a passear com o dinheiro que eles faziam, mas não viam. Esse dinheiro era endereçado em bens e trabalhos, aos senhores que, nesses barcos, iam como por magia de classe social, metáfora do *scanner*, para lugares escondidos das ideias dos que trabalhavam a terra. Mas dava-lhes muito orgulho saberem todos, que os que mandavam, eram pessoas do tipo de irem de barco. Um novo prestígio pairava sobre eles, trabalhadores de enxada que nunca pensaram em abandonar a terra, esse sustento que lhes dava o pão. Como pairava sobre os próprios senhores que, enquanto saíam, pessoas ficavam a laborar o que dava dinheiro para exportar, pelo mesmo rio, produtos para o mercado de Lisboa, do Porto, do estrangeiro. Uma realidade virtual para ambas as partes, transferida pela hierarquia social.

Em terceiro lugar, fiquei a pensar na importância da água. Como a querida Mary Douglas diz no seu *Natural symbols* de 1970, a realidade é controlada pelos símbolos que as pessoas criam, e fazem para dominar a natureza, e definir o controlo dos seus corpos nas suas interações. O corpo é um conjunto de símbolos que sinalam os seus objectivos e a sua maneira dura de viver em sociedade. Onde a água é o símbolo mais apreciado: limpa, cura, embeleza, ideia que acrescenta no seu *Purity and danger* de 1996: ao analisar o *Levítico da Bíblia*, entende que o Sacerdócio é ser intermediário entre as pessoas e a divindade. Intermediação feita a partir de limpar uma pessoa com água, de purificar o possível feitiço que uma ponte, entre o céu e a terra, é capaz de trazer. Donde, realidade é a parte do social que pensa como poder andar na interacção de forma abençoada, de forma calma, de forma ritual. De forma pura e sem perigo. A água não só limpa como define o tipo de interacção. Como entre os senhores que vão no barco e os seus trabalhadores, como a ideia do rio que dá arroz a Coimbra e força às máquinas, define quem fica perto da divindade e quem não. Qual o perigo e qual a interacção pura.

Em quarto lugar, fiquei a pensar na realidade transformada ao longo do tempo, na cronologia dos feitos, como diz o meu correspondente amigo de e-mail e conversas José Mattoso. Feitos que são essa realidade dita objectiva, procurada nos arquivos e deitada dentro dos livros, que os doutores gostam de fazer para

dizer o que pensam e investigam e de como passam os dias de sol fechados nos seus estudos a entender o que ouvem, vêem ou imaginam como realidade. Essa realidade transformada do Mondego lá no Caldeirão, lugar que virou do avesso a Figueira da Foz e fez da barragem o lugar virtual no qual as pessoas nadam, andam de barco, bebem os ventos da serra que são mais fortes que os ventos do mar e mais baratos. Uma realidade material feita pelo Estado e convertida em virtual pelas pessoas que nem pensam em gastar o dinheiro duramente ganho nos trabalhos feitos com as mãos. Uma Figueira da Foz cheia de turistas, enquanto o Caldeirão, entre Seia e Guarda, é o balneário da população que no barco não navegava em tempos antigos e que hoje, se quiser, até tem barco ou bote, para ser capaz de se divertir e fugir do trabalho.

2. DEBATER E PENSAR

Pensei, pensei, pensei. Pensei em vários assuntos que dizem respeito à realidade. E percebi que não era apenas material o que eu tinha entendido nos últimos tempos, bem como não era só virtual o que via no computador. Dizem bem Peter Berger, Brigitte Berger e Hansfried Kellner quando em 1973 escrevem *The homeless mind* e falam da mente: a mente não tem lar, a mente não é fixa, a mente, digo eu, é uma conjuntura do contexto social, fabricada à medida da tecnologia pela qual o corpo humano tem que se deslocar ao longo da cronologia respeitada quer por José Mattoso (1985, entre outros), quer por nós, quer ainda, pela mente que vive num espaço certo. Um corpo humano que é a mente sem lar e com regras para entender o real de um espaço que fica cada vez mais perto, mais global, mais globalizado – a palavra na moda para quem saiba e possa ter acesso aos meios de comunicação e ao mercado, que é o que globaliza. Uma realidade defendida por Berger e Luckmann em 1966 como uma construção social, como o resultado do saber de senso comum que passa a ser signo e símbolo do que se entende no interagir e no viver isoladamente perante a sociedade, enquanto se produz e se trabalha, enquanto se namora. E quando é preciso, solicita-se às forças divinas para conseguir o que não se pode obter. Especialmente quando não se tem opção. Donde, a realidade passa a ser um andar por cima da terra agarrado às ideias e à onipotência que não se possui. Essa onipotência virtual adscrita aos deuses ou a determinados seres humanos que parecem entender a realidade como sabedoria retirada do uso comum. É por isso que os autores denominam o seu livro *The social construction of reality*.

Uma construção social do real que é defendida por Maurice Godelier no seu novo livro (que me enviou, como é habitual entre nós – trocar livros, como dádivas): *L'énigme du don* de 1996. Nele debate as formas de Marcel Mauss

entender esse tema, porque a realidade entre os Maori parece ser uma magia, um mana, uma forma de entender que a materialidade tem espírito, um hau na língua do sábio Tamati Ranaipiri. E o autor do livro *Forest lore of the maori*, de 1909, Elsdon Best, transfere uma ideia muito clara para a mente dum ser como Mauss que acredita nas ideias de Yawhvé. Ideias que fazem pensar a Mauss em 1925, no seu *Éssai sur le don*, que a espiritualidade é uma lógica universal, e que o colectivo e o dinheiro não são uma forma atraente de viver, uma forma que refutada pelas pessoas que procuram a qualidade dos seres para se entenderem no real. E fica assim mais uma ideia sobre o que é que a realidade é.

Ideia durante muitos anos reproduzida pelo discípulo de Mauss, Claude Levi-Strauss, antropólogo de fama, também à procura de provar a estrutura da mente analógica debatida por mais outro membro da minoria judaica de Yawhvé, Émile Durkheim (1912). Todos eles três, avaliam a universalidade da lógica, e da diferença existente entre a ocidental que calcula e otimiza, enquanto a não ocidental acaba por procurar a qualidade virtual das pessoas. Esquecem o argumento de Max Weber, que entre 1904 e 1915, analisa nos seus *Ensaio sobre sociologia da religião*, os objectivos de vida dos seres humanos: entre os seguidores de Buda, um ego pequeno; entre os do Hinduismo, a solidariedade e o amor entre iguais divididos em castas para trabalhar em ordem. Para os Calvinistas, os Luteranos, os denominados protestantes de Knox, Swindler ou Elizabeth I de Inglaterra, a virtualidade era uma virtude encontrada na autonomia das pessoas individuais, essas que usam a cabeça antes do coração, a racionalidade para controlar as emoções, o investimento para poupar e conseguir o lucro, que mostra a forma virtual de ser entre as pessoas: mais santo, mais rico; mais pobre, menos trabalhador, menos recursos, mais trabalho na área baixa da escala social. Estas ideias já tinham sido desenvolvidas pelo discípulo do religioso médico economista da Enciclopédia francesa, Henry Quesnay (1763), o escocês Adam Smith. Em 1774-75, Smith escreve esse tratado da *Wealth of nations*, um programa acabado e completo de como se deve agir para não apenas se ser rico individualmente, mas para se ser rico entre todos e colaborar no desenvolvimento do Estado. Um programa que Milton Friedman actualiza para sermos governados pela dita mão invisível dum dito Estado. Este neoliberalismo faz dos jovens pessoas ricas e destemidas e tenta protelar os mais velhos. Realidade de Weber, realidade que Weber deixou muito esclarecida no seu tratado invocado mais acima, no qual os católicos do Sul do Rio Elba da Alemanha, aparecem como os mais pobres por serem os mais destemidos: lançam as suas fraquezas ao pecado, ao sacrifício de Cristo, à Penitência, ao arrependimento, às formas não pessoais de se enredar numa escravatura de si próprios. A melhor alternativa, como gosto de dizer, é a estratégia do real, como forma combinada de entender os factos, manipulando a história material de forma virtual.

3. ESTRATÉGIA E REALIDADE

Estratégia, eis o meu conceito favorito. Observei no meu trabalho de campo na Galiza, em Vilatuxe e relatei num dos meus textos de 1988: *Antropologia económica de la galicia rural*, que quanto menos recursos existiam maior era a procura de realidade virtual pelas pessoas que aí moravam: os com mais recursos eram da realidade virtual; os com menos recursos davam o seu corpo em trabalho para a terra do proprietário maior. Este apresentava-se ao Banco ou ao Estado, para adquirir um crédito ou emigrar. Essa realidade virtual fazia correr ao longo das vias do parentesco, as ajudas e entreajudas para o Ego sobreviver e o Outro ter melhor condições de posse. Materialidade do real que permite à realidade virtual do proprietário e do sem recursos, acumular ganhos que, 23 anos depois, fui capaz de observar no mesmo local. Tinham passado a ser formas de converter os mais novos em profissionais da saúde, ou médicos, enfermeiros, advogados, desenhadores, professores, arquitectos, técnicos. E apenas poucos deles, em proprietários da terra.

A lei de 1991 do Estado Espanhol, tinha mandado que a Galiza de hoje fosse a Holanda de hoje: transformar uma realidade acumulada na mente oral das pessoas, numa memória escrita na genealogia dos animais de que iam cuidar para vender o seu leite na sua própria cooperativa. Cooperativa usada para vender os seus produtos e acumular a parte do lucro que ficava para eles e continuarem assim na propriedade dos recursos. Uma realidade material transformada em virtual, enquanto eram lançados fora do lar todos os outros que não conseguiam provar saber de animais, pastos, terra, casar monogamicamente com uma ou um herdeiro da terra vizinha e ter produzido um filho, pelo menos, que fosse capaz de continuar a estratégia do Estado, hoje também a deles. Estes adultos aceitavam o facto, ou morriam pela sua mão, como relato no meu texto *O crescimento das crianças* de 1998, e torno a retomar no texto que aparece agora, *O saber sexual das crianças*. Ideia que debato no texto colectivo da revista *Áreas*, editada pelos meus antigos discípulos José Maria Cardesín y Beatriz Ruiz, que cito na bibliografia, e que fala dessas crianças e da consciência dos mais velhos. Ainda que virtual, é a materialidade neoliberal quem trouxe para nós a Internet, a navegação no ar, o ir para o mundo de forma virtual sem sair da nossa casa, excepto para outros trabalhos que ganham o pão.

Esta consciência leva-me a pensar na forma como esse sábio destemido que foi Sigmund Freud foi capaz de falar da realidade. A realidade, diz entre outros textos, no seu de 1916-1917, *Introduction à la psychanalyse*, é o conjunto de ideias fantasmagóricas com que a nossa consciência entende a realidade. Não é a realidade directa, é a realidade mediada pelos nossos seres queridos que nos mostra as partes boas e as partes más das pessoas, até termos uma visão global.

Nem tudo o que uma pessoa é, acaba por ser do nosso prazer, mas escolhemos dentro da realidade virtual o que essa materialidade da interacção incute em nós. Nem sempre gostamos e até rejeitamos a totalidade dessa realidade incutida. Esses fantasmas do real existem enquanto somos crianças, e ficam na nossa consciência, sem darmos pelo facto, até crescermos cronologicamente com a realidade total material, sem distinguirmos entre o material e o virtual do social do outro. Ou entendemos e fazemos luto ou não tornamos a cair no mesmo erro que nos tinha feito fugir da sociedade e da interacção. Analisa esta realidade com maior amplitude no seu texto de 1930, *Malaise dans la civilisation*, um mal estar causado pela virtualidade do material dentro de nós e que nós detestamos. E, ao detestar, acabamos por não gostar da vida. Mas, ao entendermos outra vez que o real é uma visão imaginária, uma percepção imaginária da consciência sobre o real, ficamos em paz e capazes de andar em frente, com a calma e a serenidade de que a nossa cultura cheia de opções para podermos viver, precisa, ou nos pede, ou procura em nós.

Esta análise de Freud bem podia ajudar a realidade quotidiana que a mente sem lar constrói todos os dias e armazena na experiência que acaba por ser vivida e compartilhada na interacção. Essa interacção, na virtualidade globalizada actual, faz de nós seres que procuram o dinheiro sem juros, que desejam um nome, uma fama, um louvor, amarem-se a si próprios mais do que aos outros. O que eu gosto de denominar “mentalidade de jeep”. É correr às buzinas para chegar primeiro, não se sabe onde nem para o quê. Esse que é necessário definir antes de abrir a boca, sentir, pensar, dizer, agir. Uma tetralogia importante para a interacção entre as pessoas.

4. REALIDADE VIRTUAL

Realidade é um conceito que reflecte o ser humano na sua dupla dimensão de pensador e manipulador do seu contexto. Define também o contexto não animado como um olhar de recurso a ser transformado para o belo prazer da humanidade, ou para essa humanidade que não tem o belo prazer dos recursos, mas que é capaz de transferir a virtualidade da manipulação das ideias dos outros para a sua própria realidade e assim ter uma capacidade de sobreviver com serenidade.

Há muito mais a dizer. A nossa conversa tinha “pano para mangas”. O resto do pano fica comigo, e entrego esta parte do pano como um desafio para a geração actual que desconfia de que agora apenas existe uma realidade virtual. Eis porque, no título, quis retirar a preposição ou o artigo do conceito: “realidade” é mais largo e abrangente que “a realidade”. A realidade é só uma, a actual. Rea-

lidade não tem tempo, é um fantasma da matéria que transforma as nossas consciências como Karl Marx debate em 1894, a partir dos conceitos de Kant de 1781.

Haveria que tratar todo o capítulo da criança, essa temática que tenho depreendido da Antropologia Económica e é o meu elo central destes dias. Só sei que a criança vive numa realidade virtual, outro ramo da sua genealogia, outra forma de ser do seu lar: na televisão, nos jogos digitais, nos cd-roms que servem para ver guerras, batalhas, corridas de carros; mas, até agora, nunca para expandir a cultura local. Excepto os esforços do Ministério da Ciência e de poucas escolas, nas quais há professores especialmente treinados para tratar do assunto. Porque nem todos os adultos são ainda capazes de ver o virtual dentro da matéria do real, que configura o conceito de “realidade”.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, HENRIQUE GOMES DE (1998) – *Ética, economia e educação. Ensaio sobre o vinho do Porto*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto.
- BERGER, PETER L. (1963) – *Invitation to sociology. A human perspective*, Pelican, Londres.
- BERGER, PETER L.; BERGER BRIGITTE & KELLNER, HANSFRIED (1973) – *The homeless mind*, Penguin Books, New Zealand.
- BERGER, PETER L. & LUCKMAN, THOMAS (1966) – *The social construction of reality*, Penguin Books, New Zealand.
- BEST, ELSDON (1909) (1977) – *Forest lore of te maori*, E. C. Keating Government Printer, Wellinngton.
- DOUGLAS, MARY (1966) – *Purity and danger*, Routledge and Kegan Paul, Londres.
(1970) – *Natural symbols*, Pelican Books, New Zealand.
- DURKHEIM, ÉMILE (1912) (1915) – *The Elementary forms of the religious life*, J.W. Swain, trad. Allen & Unwin, Londres.
- FRIEDMAN, MILTON E ROSE (1979) (1980) – *Liberdade para escolher*, Europa-América, Lisboa.
- FREUD, SIGMUND (1916-1917) – *Introduction à la psychanalyse*, Payot, Paris.
(1929) (1971) – *Malaise dans la civilisation*, P.U.F., Paris. Godelier, Maurice, 1996: *Lenigme du don*, Fayard, Paris.
- ITURRA, RAÚL (1988) – *Antropologia económica de la galicia rural*, Xunta da Galiza, Santiago de Compostela.
(1998) – *Como era quando não era o que sou. O crescimento das crianças*, Profedições, Porto.
(1999) – “Tú creces en cuanto to no entiendo. Y conforme te entiendo, yo también crezco. Los padres de hijos adultos: ensayo de Antropologia de la Educación”, in Cardesín, J.M. e Ruiz, Beatriz (orgs.) *Áreas, Revista de ciencias sociales*, Madrid.
(2000) – *O saber sexual das crianças. Desejo-te, porque te amo*, Afrontamento, Porto.
- QUESNAY, FRANÇOIS (1763) (1978) – *Filosofia rural*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

- KANT, IMMANUEL (1781) (1986) – *Crítica da razão prática*, Edições 70, Lisboa.
- MATTOSO, JOSÉ (1985) – *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal*, Editorial Estampa, Lisboa.
- MAUSS, MARCEL (1925) – “Essai sur le don. Formes et raison de l'échange dans les sociétés archaïques”, in *L'année sociologique*, nouvelle série, 1.
- MARX, KARL (1894) (1946) – *El capital*, Vol. III, Fondo de Cultura Económica, México.
- SMITH, ADAM (1774-1775) – *The wealth of nations*, A. Murray, Londres.
- WEBER, MAX (1904-1915) (1998) – *Ensaio sobre a sociologia de la religión*, Vols. I, II, e III, Taurus, Madrid.